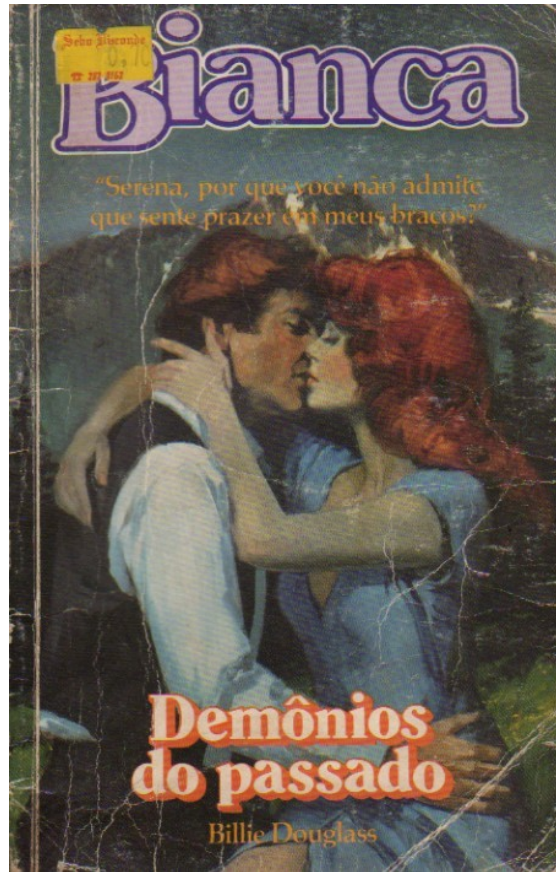


# Demônios do passado

Billie Douglass

*"Serena, por que você não admite que sente prazer em meus braços?"*



**Título original:** Sweet Serenity (1983)

**Coleção:** Bianca 257 (1985)

**Protagonistas:** Serena Strickland & Tom Reynolds

Digitalização e revisão: Tinna

*Agora ele dava amor, mas no passado destruíra sua vida!*

*Os braços de Serena agarram-se ao corpo de Tom, acariciam-lhe as costas, sentindo a firmeza dos músculos e o calor da pele.. Suspira, o corpo inflamado de desejo fortemente apertado ao dele.*

*Odiar Tom Reynolds era uma carga imperativa que trazia do passado. A paixão que ele lhe provoca agora a amedronta, a envergonha de si mesma. É como um demônio dentro dela, anulando todos os argumentos da razão.*

SWEET SERENITY  
© 1983 Barbara Delinsky  
Originalmente publicado pela Silhouette Books,  
Divisão da Harlequin Enterprises Limited

"DEMÔNIOS DO PASSADO"  
© 1985 para a língua portuguesa  
ABRIL S.A. CULTURAL  
Todos os direitos reservados, inclusive o  
direito de reprodução total ou parcial,  
sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato  
com a Harlequin Enterprises Limited,  
Toronto, Canadá.  
Silhouette, Silhouette Desire e Colofão são  
marcas registradas da Harlequin Enterprises B. V.

Tradução: SILVIA PASSOS

NOVA CULTURAL — CAIXA POSTAL 2372 — São Paulo

Esta obra foi composta na Linoart Ltda. e impressa na  
Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.

# CAPÍTULO I

Com um pequeno murmúrio, Serena Strickland ajeitou o laço de fita cor de malva e afastou-se, erguendo a cabeça para apreciar o resultado de seu trabalho. O arranjo estava perfeito! O grande cesto de vime, repleto de flores e ramos verdes, transmitia uma alegria ensolarada, capaz de convencer o mais cético habitante de Minneápolis de que a primavera estava chegando.

Colocou o banquinho alto atrás do balcão e olhou além dos potes de doces, enfileirados na vitrina. Lá fora, na praça iluminada, os raios de sol, refletidos nas colunas de vidro da galeria, começavam a esconder-se entre as nuvens e o ambiente recaía na obscuridade característica dos dias de inverno. Serena sorriu deliciada com esse jogo de luz e sombra, bem apropriado ao Primeiro de Abril, quando cada gesto ou presente luminoso ocultava uma mentira, uma peça ardilosamente estudada.

O inverno parecia não ter pressa em partir. A neve amontoava-se na beira das estradas, nos cantos dos parques e sob as árvores, resistindo a um sol demasiado fraco para derretê-la. Invernos prolongados eram tradição da região e Serena pensou que, com certeza, ainda teriam algumas nevascas, embora a primavera já houvesse chegado. Morando há cinco anos na cidade, num dos Estados mais setentrionais do país, não alimentava muito otimismo em relação ao tempo. Mas que a primavera estava chegando, tinha certeza. Podia sentir em suas sardas, espalhadas pelas bochechas e nariz. Durante o inverno haviam se tornado mais tênues, e agora acordavam, prontas a se tornar vividas com o primeiro sol da primavera.

No momento em que girava o calendário para o 1.º de abril, o sino da porta tocou e um desconhecido de terno cinza entrou na loja. Tinha uma expressão um pouco desesperada.

— Posso ajudá-lo? — correu Serena, levantando-se.

Mas o homem chegou ao balcão antes que ela pudesse contorná-lo. Parecia inseguro e embaraçado.

— Você tem alguma coisa com o nome de... de... "Recados de Alegria"? Minha mulher está esperando nenê para estes dias e quer comê-las de todo jeito. Ela é sua freguesa.

— Joan! Você deve ser o marido de Joan Miller — os olhos de Serena brilharam. — Como está ela? Já faz um certo tempo que não a vejo, pensei que o nenê tivesse nascido.

Jonathan Miller fez uma careta.

— Está atrasado quase uma semana e Joan anda bastante nervosa. Queria poder ajudá-la mais... Você tem aí os Recados de Alegria, não?

— Claro, claro — sorriu Serena, dando a volta no balcão,. Pegou um vidro e começou a colocar os doces num saquinho rosa e limão, com motivos de bambu, iguais aos que predominavam nas paredes da loja. Fugindo ao hábito, ofereceu um doce ao freguês.

— Gostaria de provar?

— Não, obrigado — riu ele. — Já tenho vícios demais para começar outro.

Serena terminou de pesar e começou a amarrar o saquinho com uma fita cor de limão. O homem pagou e dirigiu-se para a porta.

— Lembranças a Joan e boa sorte para vocês — desejou Serena.

A manhã passou rápido, sem problemas. Os fregueses, em sua maioria conhecidos, entravam e saíam procurando suas guloseimas favoritas. Nancy Wadsworth, amiga e ajudante de Serena, chegou por volta das onze horas e começou a desempacotar as mercadorias que haviam chegado de manhã.

Ao meio-dia o movimento cresceu e as duas trabalharam lado a lado, empacotando balas, chocolates e os mais variados tipos de geléias e guloseimas, sempre com o bom gosto característico da Doces Serenidade, que lhe valera o renome entre os apreciadores de doces de Minneápolis.

À uma e meia, quando o movimento diminuiu, Serena pegou a bolsa para ir almoçar.

— Já estou indo, Nancy. Estarei de volta em uma hora, mais ou menos.

— Está bem. Você viu que engraçadinhas essas caixinhas que chegaram hoje? São adoráveis! Algumas têm a forma de rãzinhas, outras de porquinhos e mesmo de vaquinhas, veja! Ficarão uma graça cheias de doces.

Serena entusiasmou-se. A decoração interior da loja era sempre um desafio e essas embalagens coloridas e diferentes ajudavam muito, realçando os produtos.

— Ótimo! Quando voltar darei uma olhada nelas. Tenho de apressar-me, fiquei de encontrar André para almoçarmos juntos.

— André? — Nancy fingiu estremecer. — Negócios ou divertimento? Há algo nele que me desagrada. Francamente, de todos os seus homens é o que menos gosto.

— De todos os meus homens, Nancy? — espantou-se Serena. — Até parece que sou uma Barba Azul!

— Você não é, Serena, esse é o problema. Deveria ser um pouco mais agressiva, sei lá, exigir algo desses homens.

— Nancy, o que está me recomendando? Aventuras mais ardentes? Você, uma mãe de família!

— Não, não tem nada a ver. Minha filha tem doze anos e você tem vinte e nove. Há uma grande diferença. Mas você deveria pensar em formar uma família...

— Nancy...

— ...mas não com André. Talvez com Ken ou Rod, ou mesmo Gregory. Com André, nunca.

Serena riu.

— Afinal chegou onde queria, não? Mas não se preocupe, ele pode parecer um pouco ousado mas, na verdade, é completamente inofensivo.

Ante o olhar duvidoso da amiga, acrescentou:

— Além do mais é meu consultor para assuntos de investimentos. Tenho de conservá-lo.

— Não tem, não — falou Nancy.

Vendo que Serena abria a porta, ergueu a voz:

— Bom almoço! Pelo menos isso ele deve a você.

Serena deu-lhe um meio sorriso e saiu. Com passos rápidos seguiu pela calçada, projetando sua figura esbelta nas vitrinas das lojas. Era suave e sofisticada. Vestia uma blusa de seda, com punhos e golas de uma tonalidade verde, contrastando com a saia de lã, cor de marfim. Os sapatos de saltos finos e a bolsa de pelúcia, pendurada no ombro, combinavam com a cor da blusa. Seguia em frente, sem notar os olhares de admiração que a acompanhavam.

André Phillips esperava-a na porta do restaurante e cumprimentou-a, beijando-a nas faces.

— Como está minha namorada preferida? — perguntou, virando-a para admirar seu rosto oval, emoldurado pelos cabelos castanho-avermelhados que lhe caíam em ondas até os ombros.

— Doce como sempre... — ironizou Serena. — E você, André? Imagino que esteja tendo problemas para readaptar-se aos EUA.

— Como pode saber? — perguntou ele, passando os braços sobre seus ombros e guiando-a para dentro do restaurante.

— Beijos nas faces?! Isso é tão europeu!

O maître acenou-lhes e Serena aproveitou o pouco espaço que havia entre as mesas para desvencilhar-se de André. Não se deixava conduzir pelo fascínio dele. Sabia que ele levava uma vida muito sofisticada para o seu gosto, de modo que tratava-o com indulgência, já que não o desejava para seu companheiro. Aceitou o lugar que André lhe ofereceu e escutou pacientemente enquanto ele discorria sobre as aventuras que vivera em Paris.

Há quase um mês que não o via e, olhando-o agora, teve plena consciência de que era muito bonito, embora não gostasse do modo como

penteava os cabelos escuros e das roupas impecáveis e cuidadosamente combinadas. Mesmo a expressão do rosto dele parecia estudada, dando a Serena uma sensação de desconforto. Alguns anos antes, quando precisara de alguém que a orientasse em seus investimentos, o banco havia lhe indicado André, um especialista no assunto.

Saíra com ele muitas vezes, mas sempre o mantivera a distância, considerando-o apenas uma companhia para passeios e diversões e, principalmente, como o seu conselheiro para questões financeiras. Se a prestação de contas que recebia regularmente fosse verdadeira, tinha muito a lhe agradecer.

— Diga-me, como vai indo a Doces Serenidade? — perguntou ele, interrompendo suas histórias.

Serena puxou o cabelo para trás da orelha.

— A loja vai bem, muito bem mesmo. E nos dias de festa o movimento cresce muito. Não tenho do que me queixar — ela sorriu.

— Não me diga que você tem doces especiais para o Primeiro de Abril?

— Claro! Hoje de manhã vendi várias caixas de bolas de golfe. São incrivelmente iguais às bolas verdadeiras. E são feitas de chocolate branco. Se o golfista pretender usá-las, começarão a derreter. Há jogos de balizas de golfe feitos de caramelo, prendedor de papel de anis, aspirina de marshmallow...

— Está bem, está bem. Desculpe ter perguntado! — interrompeu ele com um meio sorriso. — Gostei de saber que os negócios estão a toda velocidade!

E concentrou-se no prato, cortando um pedaço da costeleta de porco.

Serena sempre se surpreendia com essas súbitas interrupções, mas concluía que faziam parte da natureza elétrica de André.

— Pensou na proposta de investimento que lhe fiz antes de viajar?

— Pensei, mas... estou começando a pensar em... outros ramos.

— É?

— Hum, num.

Respirando fundo, ela trouxe à baila o assunto que vinha namorando há meses.

— Estou querendo abrir uma filial da Doces Serenidade num dos bairros da cidade.

Após um silêncio um tanto estranho, ele apenas exclamou um oh!, e parou de comer, atento às palavras dela.

— O centro de Minneápolis é um ponto realmente fantástico, mas tenho muitos fregueses em bairros distantes, lugares onde já existem centros comerciais bem desenvolvidos. Devlin, por exemplo, é um ótimo mercado,

bairro fino, pessoal de alta renda. Os estabelecimentos comerciais de produtos alimentícios sofisticados estão indo de vento em popa por lá. O que você acha da idéia?

Ele hesitou.

— Não acha que pode ser um pouco prematuro?

Serena acariciou o lábio inferior com a ponta dos dedos antes de responder. Respeitava a opinião de André e aborrecia-se pela Culpa do entusiasmo dele. Esperava que a apoiasse.

— A Doces Serenidade demonstrou ser um negócio viável e lucrativo nesses últimos cinco anos. Pude aplicar os lucros, você cuidou disso para mim e creio que não teremos problemas para abrir uma outra loja.

— Em Devlin?

— Sim, seria ótimo. Não sei se conseguiríamos um ponto em Saint Louis Park, mas creio que não seria difícil achar um lugar nas galerias novas. Andei procurando por lá e agora estou tentando ver se acho algo em Edina ou Wayzata.

André apertou os lábios, olhando para o prato.

— Não sei, Serena, acho que você deveria pensar melhor — ele balançou a cabeça e um fio de cabelo saiu do lugar. — Com a instabilidade econômica de...

— Oh! ainda está em fase de projeto — assegurou Serena rapidamente. — Só lhe contei para que entendesse por que hesito em aplicar o dinheiro no fundo do qual você falou. É que eu gostaria de estar com minhas reservas à mão.

André sorriu, repentinamente animado.

— Quer dizer que pretende me dar um duro golpe, pondo-me para fora de seus negócios?

Serena entendeu a hesitação dele. Afinal, ganhava a vida fazendo investimentos para os outros, empresários e comerciantes como ela. Investimento exige capital e, quanto maior fosse o capital que ela empregasse na nova loja, menos sobriaria para ser investido.

— André — censurou ela —, acha que faria isso com você? Se abrir outra loja e tiver apenas a metade do sucesso da primeira, terei o dobro de dinheiro para movimentar com você. Além de que, comparada com o resto de seus clientes, eu não passo de um grãozinho de arroz.

Ele ergueu-se na cadeira e beijou-lhe a mão, cavalheirescamente.

— Vou pensar no assunto, Serena. Mas... basta de negócios! Ouça-me — disse alegremente —, no próximo mês irei para Los Angeles. Por que não vem comigo?

— Ir com você? Tenho uma loja para cuidar, André, não posso jogá-la fora e sair viajando por aí.

— E se não fosse a loja, você iria?

Serena não tinha motivos para hesitar. Passara sua infância no sul da Califórnia, onde assistira à ruína financeira e emocional do pai. Só tinha recordações dolorosas da região. Por outro lado, nunca havia sido e nem pretendia ser amante de André. Esse era o "xis" da questão.

— Não, André, você sabe que eu não iria.

— Quer dizer que estou destinado a bater com a cabeça contra a parede?

Habilmente, ela desviou a resposta:

— Você teve três casamentos horrorosos, não há de querer mais outra mulher para ficar pendurada em você.

— Vamos, Serena, quando foi a última vez que você ficou pendurada num homem?

Ela deu de ombros, e ele continuou:

— Não creio que você esteja disposta a dependurar-se em mim.

— Não — disse ela lentamente —, e as cartas não recomendam nossa união.

O garçom chegou com o café e um movimento próximo chamou-lhe a atenção. Um casal sentava-se na mesa ao lado. A mulher dava as costas para Serena e o homem permanecia de pé, esperando gentilmente para empurrar a cadeira. Depois sentou-se do lado oposto, de frente para Serena.

Foi como se algo acordasse em seu subconsciente. Conhecia aquele rosto! Sem dúvida alguma ela já havia visto aquele homem! Mas onde?

Os detalhes esvaneciam-se numa nebulosidade agitada, como ondas de emoções fortes que iam e vinham e não paravam o tempo suficiente para que definisse a lembrança. Não era recente, sabia. O rosto dele transportava-a para uma época passada que ela não conseguia identificar. Engolindo em seco, desviou o olhar. Agarrou a xícara de café e bebeu-o estabandamente, quase escaldando a boca.

André continuava falando. Ela sorriu e acenou com a cabeça, o pensamento longe. Toda sua atenção estava voltada para o desconhecido, cuja face lhe era tão familiar. Tinha certeza de que o conhecia.

— O que está pensando, Serena?

— Anh? Oh! desculpe — sacudiu a cabeça como se quisesse afastar a neblina que lhe turvava a memória. — Estava distraída. O que dizia?

— Perguntei sua opinião sobre o projeto de mudança da capital federal para Minneápolis.



— O quê? Está falando sério?

— Lógico que estou. Correram rumores sobre isso, você não soube?

— Não.

— É verdade, já foi até publicado em jornais que, no final do século, poderemos abrigar a sede do Governo Federal.

A idéia pareceu-lhe suficientemente ridícula para apagar aquele rosto sem nome de sua mente e trazê-la de volta à conversa.

— Que os céus me perdoem! Minneápolis é tão agradável! A última coisa de que precisamos é de um batalhão de funcionários e órgãos governamentais.

— Há quanto tempo você mora aqui? Fala como se fosse uma minneapolisense tradicional.

— Quase!

Enquanto André discorria sobre as vantagens e desvantagens do projeto, Serena permaneceu em silêncio, soltando uma exclamação aqui, outra ali, para demonstrar sua atenção. Mas seu pensamento voava. Seus olhos buscaram a mesa vizinha, onde o homem parecia envolvido numa discussão com sua acompanhante, ouvindo mais do que falando. Serena examinou-lhe as feições, procurando algum indício mais preciso.

Tinha cabelos castanhos, abundantes, ligeiramente grisalhos nas têmporas. Aparentava cerca de quarenta anos. O nariz fino, lábios firmes, olhos cor de avelã, da mesma cor dos seus. Vestia camisa, gravata, jaqueta e calça, num estilo esportivo que lhe realçava a masculinidade. Era bem atraente. Havia algo nele que a importunava e por mais que o olhasse não conseguia descobrir o que era.

Como se ouvisse sua pergunta silenciosa, o homem levantou os olhos, capturando os dela. Serena agitou-se, prendendo a respiração. Os olhos dele tinham uma força quente, que contrastava com a tranqüilidade de sua aparência. Era esse contraste que lhe parecia tão familiar. Foi incapaz de desviar os olhos, enquanto ele a encarava de um modo meio divertido. Não deu o menor sinal de conhecê-la. "Será que estou enganada?", pensou Serena.

Bebeu um gole de café e procurou escutar André, mas seus olhos insistiam em buscar a outra mesa. Mais uma vez seus olhares se encontraram. Serena sentia-se desconcertada. Sempre gravara com facilidade os nomes e rostos conhecidos, qualidade necessária na sua profissão. Mas ali estava alguém, incrivelmente familiar, que não conseguia identificar. Poderia perguntar a André, que conhecia praticamente todas as pessoas de importância na cidade. E o homem, sem dúvida alguma, não era um qualquer. No entanto, algo impediu-a de falar.

Enquanto André conferia a conta, absorveu-se na solução do enigma. Sem sucesso. Seus olhos procuraram outra vez aquele rosto e, como se fosse

de propósito, ele sorriu, um sorriso fascinante, luminoso. Um sorriso único. Nunca havia visto um sorriso assim tão devastador.

— Eu não o olharia tanto, Serena.

Surpreendeu-se. Não julgara que seu interesse estivesse sendo tão evidente.

— O quê? — gaguejou.

— O homem às minhas costas.

— Conhece-o? — perguntou impulsivamente.

— Não, deve ser novo por aqui, talvez esteja de passagem. Ela franziu as sobrancelhas.

— Então por que a advertência?

André levantou-se calmamente e ficou de pé atrás dela. Curvou-se, numa atitude de dono, colocou as mãos sobre seus ombros e encostou a boca em seu ouvido. Embora não pudesse vê-lo, Serena percebeu que olhava para a outra mesa.

— Sou intuitivo em relação às pessoas. Parece um agitador. — Agitador? — murmurou Serena com o canto da boca. —

Acho-o tão inofensivo.

— Por isso olhava-o tanto?

— Pareceu-me que... o conhecia. É tudo. Tenho certeza de tê-lo visto em algum lugar mas não consigo me lembrar.

André endireitou-se e, num movimento ágil, puxou a cadeira ajudando-a a se levantar.

— Um homem misterioso saído de seu passado nebuloso — dramatizou ele, enquanto Serena encolhia-se com medo.

Pendurando a bolsa no ombro, ela defendeu-se com ironia:

— Sem dúvida.

Caminhando para a saída, levava o rosto do homem gravado em sua mente. Uma imagem que permaneceu atormentando-a durante toda a tarde. Onde poderia tê-lo visto?

De volta ao trabalho, rebuscou todos os momentos de seu passado, relembrando os acontecimentos de cada ano em busca de um indício que pudesse preencher aquele vazio. Nos últimos cinco anos estivera em Minneápolis, empenhada na abertura e solidificação da Doces Serenidade, que instalara com uma herança inesperada, deixada pelo avô materno. Ainda agora, quando olhava orgulhosa sua loja tão próspera e bonita, recordava-se da surpresa que sentira ao receber a notícia da herança. Após a desgraça do pai, a família da mãe dera-lhes todo apoio possível. E o fato de o avô ter-lhe legado uma importância tão substancial, depois do que acontecera com o pai,

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

